

VIDAS TRANS - EU SÓ QUERIA (R) EXISTIR - RELATO DE CASO

Data de submissão: 09/08/2024

Data de aceite: 01/10/2024

Fernanda Guadagnin

Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul
Porto Alegre/ Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/7752643416075467>

Renata Guadagnin

UniRitter; Porto Alegre/ Rio Grande do Sul
<http://lattes.cnpq.br/8613316875410870>

RESUMO: A população trans costuma enfrentar inúmeras situações de preconceito e violência e são constantes as lutas pela garantia de direitos a esta população. Relatar casos atendidos em um serviço em nível hospitalar que visa auxiliar no processo de identidade de gênero contribui para o conhecimento sobre o assunto e a ampliação do entendimento sobre a importância do respeito e atendimento qualificado a todos, todas e todes.

TRANS LIVES - I JUST WANTED (R) TO EXIST - CASE REPORT

ABSTRACT: The trans population tends to face countless situations of prejudice and violence and there are constant struggles to guarantee the rights of this population. Reporting cases treated in a hospital-level service that aims to assist in the gender identity process contributes to knowledge on the subject and expanded understanding of the importance of respect and qualified care for everyone.

INTRODUÇÃO

A população transexual passa por inúmeras situações de preconceito e violência ao longo da vida. Muitas na infância e/ ou adolescência são expulsas de casa pela própria família biológica, tendo que lidar com a identidade de gênero e situações de exclusão e vulnerabilidade social.

Uma das questões que impactam a saúde mental da população trans esta relacionada à grande insatisfação com as características relacionadas ao sexo de

nascimento. É recorrente a prática da auto-medicação com quantidades excessivas de hormônios e até mesmo de prótese de silicone clandestino, com as chamadas bombadeiras. Os tratamentos que podem auxiliar nas questões relacionadas à sentir-se bem e de acordo com a identidade de gênero podem ser atendidos pelo Sistema Único de Saúde a nível ambulatorial (tratamentos hormonais) e a nível hospitalar (hormônios e cirurgias). A atuação deve ser por equipe multidisciplinar, individual e em grupos e contemplar questões da vida de cada indivíduo. Iremos relatar um atendimento/ caso utilizando dados fictícios para não identificar a paciente.

Samira, 45 anos, viúva, trabalha como consultora de vendas.

Com relação a infância, ela refere que foi uma fase infância horrível, não teve infância, não era quem eu sou. Conta que sofreu muito, a questão da sua identidade de gênero para sua família foi horrível. Na escola teve que ser popular, para ser aceita, no período escolar algumas professoras a acolheram. Samira conta que sua mãe demorou muito para a aceitar, tem como a sua família Deus.

Com relação ao nome Samira diz que foi ela quem escolheu, fez a retificação do nome e gênero nos documentos. A questão das roupas diz que na adolescência cuidava de crianças para poder comprar suas coisas, questiono sobre sua relação com a sua família e a paciente relata que foi horrível e não quer falar sobre (emociona-se neste momento). Com relação às expectativas, a paciente relata que só quer sua cirurgia, sabe que é um processo e que é doloroso. Reforça que nunca se viu como homem, diz ser Cristã/ frequenta igrejas evangélicas.

A paciente fala diversos momentos sobre seu companheiro, com o qual viveu por 3 meses e este faleceu do coração, ela diz que no mês em que ele faleceu nasceu um menino que supostamente é seu filho, estão em processo jurídico com vistas ao DNA, pois a família materna da criança é desorganizada socialmente e “se for desejo de Deus” ela quer criar esta criança.

Podemos identificar em falas e gestos o quanto a população trans passa por situações inusitadas e desnecessárias de preconceito e violência, portanto vale salientar que enquanto profissionais da saúde devemos atender à todos, todas e todes de forma acolhedora e respeitosa sempre.